

Para citar esse documento:

RODRIGUES, Marcella Nunes Rodrigues; BIANCALANA, Gisela Reis. A performance enquanto elemento fomentador de um processo criativo em artes corporais. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 264-270.



www.portalanda.org.br

A PERFORMANCE ENQUANTO ELEMENTO FOMENTADOR DE UM PROCESSO CRIATIVO NAS ARTES CORPORAIS.

Marcella Nunes Rodrigues (UFSM)*

Orientadora: Gisela Reis Biancalana (UFSM)

RESUMO: A pesquisa exibida dedica-se ao processo criador de uma Performance artística desenvolvida no laboratório de Performances, arte e cultura do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). De maneira estabelecida, esta criação é parte de um projeto guarda-chuva que engloba as ações do Grupo de Pesquisa intitulado Performances: arte e cultura, vinculado ao CNPQ. Esta performance artística envolve as diferenciações de gênero recorrentes em diversos universos culturais. O procedimento metodológico implementado está calcado na escolha de objetos selecionados pela pesquisadora em laboratórios de criação, de modo a instigar questionamentos acerca da dominação do homem sobre a mulher em hierarquias historicamente construídas. A performance tem como subsídios teóricos desta investigação Schechner, Strazzacappa entre outros. O objetivo aqui é de partilhar experiências singulares dos processos criadores de performance, através de percursos que possam legitimar abordagens limítrofes no terreno das artes, especialmente no campo da dança.

PALAVRAS-CHAVE: PERFORMANCE. GÊNERO. APRISIONAMENTO. DANÇA. PROCESSO CRIATIVO.

PERFORMANCE AS AN ELEMENT OF A CREATIVE PROCESS IN CORPORATE ARTS.

ABSTRACT: The research presented is dedicated to the process of creating an artistic performance developed in the Performances, art and culture laboratory of the Bachelor's Degree in Dance of the Federal University of Santa Maria (UFSM). In an established way, this creation is part of an umbrella project that includes the actions of the Research Group entitled Performances: art and culture, linked to CNPQ. This artistic performance involves the recurrent gender differentiations in diverse cultural universes. The methodological procedure implemented is based on the selection of objects selected by the researcher and creation laboratories in order to instigate questions about the domination of men over women in historically constructed hierarchies. The performance has as theoretical subsidies of this research Schechner, Strazzacappa among others. The objective here is to share unique experiences of the processes that create performance, through paths that can legitimize border approaches in the field of arts, especially in the field of dance.

KEY WORDS: PERFORMANCE. GENRE. IMPRISONMENT. DANCE. CREATIVE PROCESS.

Pesquisar a performance tem sido uma possibilidade de desvendar o enigma de algumas sensações humanas recorrentes. Para que isso seja possível participo do Laboratório de Performance, Arte e Cultura conduzido pela professora Dra. Gisela Reis Biancalana. Esse ambiente propõe realizar imersões em pesquisa de campo que funcionem como o olhar para alavancar construções de performances. Desse modo, as investigações realizadas partem de um projeto guarda-chuva que discute, pensa e faz performances consistindo na busca pela fusão dos saberes calcada em processos de diluição de fronteiras entre os conhecimentos. A *performance* dialoga com as principais características das artes da cena e coliga elementos de outras expressões, ela cria “topos de pesquisa de experimentação” (COHEN, 2002, p.140), porém, a meta maior para o trabalho dos performers contemporâneos reside na construção de processos investigativos que partem das intenções de ser arte irradiadas pelo corpo, descentralizando as antigas ditaduras das técnicas de dança. O grupo de trabalho é formado por alunos de mestrado, iniciação científica e graduação, inseridos no grupo de pesquisas Performances: arte e cultura vinculado ao CNPQ.

A integração a esse laboratório me possibilita uma imersão em discussões teóricas com referências bibliográficas produzindo assim um embasamento para a submersão em laboratório artístico. As leituras e debates antecedem as criações e um dos encaminhamentos possíveis para iniciar as reflexões estão na elaboração de procedimentos específicos para cada criação. As hipóteses dos participantes do projeto são conquistadas pela conexão com a concepção artística adotada. As discussões sobre os processos colaboram para avocar a performance como área de pesquisa, o exercício de escrever e discutir sobre a criação também nos outorga recursos. Assim, a pesquisa teórica e corporal é aprofundada a partir das inquietações da pesquisadora, encontrando na performance um lugar possível para

suas experimentações artísticas. É importante ressaltar também que a proposta deste trabalho consistiu na investigação de um corpo técnico/expressivo/comunicativo em laboratório de criação e em cena baseada nos estudos de Richard Schechner (2003) que ao responder à pergunta “o que é performance” amplia a discussão para perspectivas culturais e sociais a partir das quais pode-se discorrer o termo que carrega, transbordando para a performatividade em sentido expandido, borrando fronteiras entre linguagens artísticas.

A consciência da necessidade de aprimorar-se em laboratório para a criação voltada para a performance cênica intervém significativamente na obra enquanto produção artística. Um atributo favorável às artes cênicas performativas é que o próprio corpo do artista é arte durante a atuação, sendo visto como uma “unidade auto-suficiente” (GLUSBERG 1987, p. 83).

O projeto guarda-chuva destaca que: “Enquanto agente, o corpo é técnica; enquanto produto, ele é arte” (Strazzacappa, 1998, p. 164). Se as investigações técnicas e estéticas não sofrem com tanta frequência com seus procedimentos metodológicos, os processos criadores não conquistaram, ainda, tal prerrogativa. Desta forma, procura-se focalizar o caráter acadêmico criativo do corpo cênico investigativo num tempo em que as fronteiras e territórios são repensados, ampliados, contrapostos detonando uma reflexão deste fazer que se funda em um solo ainda nebuloso nas pesquisas em artes corporais. A partir de todo esse processo, nasceu minha primeira performance intitulada *Aprisionados*.

A composição performativa supracitada ocupa-se de questões que envolvem as diferenciações de gênero recorrentes em diversos universos culturais. A perspectiva adotada recaiu sobre o aprisionamento da liberdade da mulher por parte

de algumas concepções masculinas sustentadas pela ideia de dominação. O procedimento metodológico implementado para a criação deste trabalho artístico foi calcado na pesquisa autoetnográfica, na escolha de objetos selecionados pela pesquisadora e em laboratórios de criação. Neste contexto foram usados os objetos “cadeira” e “corda” como estímulo durante os laboratórios de criação, de modo a instigar questionamentos acerca da dominação do homem sobre a mulher em hierarquias sexuais historicamente construídas. Com o passar das experimentações percebi a partir dos estímulos recebidos dos meus colegas de grupo a possível troca do objeto “corda” para o objeto “véu”, sabendo que este é um ícone ainda muito significativo em uma união conjugal. Percebi que ele trazia densidade às minhas sensações, reverberando assim nas minhas criações.

. A ideia do início do processo criador da performance permanecia a mesma, porém a troca de um elemento deixou-a mais coerente com a proposta inicial. Iniciou-se então o percurso por esse novo caminho que, além de perceber o corpo enquanto se realiza a cada repetição, presto atenção nos pensamentos que surgem em cada momento evocando estados inusitados na criação. Algumas práticas não foram previamente estabelecidas mas surgiram da necessidade de esboçar o que os pensamentos cruzados pela minha sensibilidade sinalizaram naquele momento. Ao refletir sobre o apreendido é inevitável não pensar nas mulheres que convivi e outras que conheci e que viveram ou ainda vivem nesse espaço de liberdade assistida. A pergunta que surgiu, então, foi como colocar essas reflexões em movimento e experimentação para criar outras possibilidades de pensar, aprender, criar, ver, ser, sentir-me como corpo livre? Então o pensamento que passa a instigar essa investigação é descobrir também o que seriam essas relações que aparecem entre os gêneros, buscando outros adjetivos que em nada reduzem, mas provocam

alguma delimitação. Busca-se na ocasião investigar um processo criativo em Performance Arte que possa explorar esse contexto de relações patriarcais questionando as representações desse corpo na sociedade contemporânea nessa proposta.

A Performance, então, foi à cena em alguns espaços diferentes e dentre eles escolho um para fazer um relato, o II Colóquio de Ética, Estética e Política que se realizou nos dias 25 e 26 de novembro de 2016, no Anfiteatro Caixa Preta, na Universidade Federal de Santa Maria. O tema central da sua segunda edição foram as produções em rede. Com o objetivo de fortalecer as redes acadêmicas e promover a ampliação da promoção coletiva dos resultados obtidos por elas, o evento reuniu estudiosos de diferentes áreas do saber envolvidos na recepção, aplicação e desenvolvimento de pesquisas que envolvam ética, estética e política. Além disso, o Colóquio buscou estimular a formação do diálogo interdisciplinar e também intercultural, com a formação de redes de relacionamento entre diferentes áreas acadêmicas. No Colóquio aconteceu a *ExposiAção: ética, estética e política* sob curadoria da Professora Doutora Gisela Reis Biancalana. A Exposição de Corpos-Arte emergiu de Ações Performáticas desenvolvidas a partir de algumas questões políticas escolhidas pelos artistas do grupo de pesquisa. Os elementos impulsionadores da proposta foram ancorados nos obstáculos advindos de universos diversificados tais como as lutas femininas, adversidades ambientais, polêmicas oriundas do desenvolvimento da internet, decorrências de atitudes político partidárias, as resistências raciais, entre outras.

Neste instante relato a experiência de uma primeira Performance, por ser algo tão íntimo escolho usar a primeira pessoa do singular: Às 8h e 30min do dia 25 de

outubro comecei a preparação. Vesti a cadeira com roupas de homem, com toda delicadeza coloquei-lhe as calças, os sapatos, o terno. Depois amarrei o véu na cadeira, escondendo o nó, preparei o lugar. Em seguida, me vesti, coloquei a saia preta, a parte de cima de uma lingerie também preta, me desfiz do calçado. O chão era frio, gelado, como meu corpo naquele momento. Levar a cena algo tão meu, mas também tão do outro reverberou em mim sensações arquivadas. É como se o público pudesse ler minha mente se eu a colocasse à mostra. Às 9h me coloco na posição de dar início a Performance, coloco o véu. É indescritível a sensação de colocá-lo, mas posso relatar o calafrio, o medo de retornar aquela posição de aprisionamento em vida. Em frente a cadeira vestida, com o véu esticado dou início as movimentações. Em pé, respirando fundo, sinto o ar invadir todos os espaços no meu corpo. Percebo a distância entre os ísquios e os calcanhares, presto atenção ao quadril e aos ombros, realizo caminhadas no espaço, necessito me guardar. Fiz tudo o que o corpo sinalizava como pedido para preparar-me para o que viria depois. Fiz tudo de olhos abertos, mas é como se eu tivesse olhando só para mim, para dentro. Vou dando pequenos passos enquanto vou me enrolando naquele véu, chegando cada vez mais perto daquela cadeira. O véu evidenciava-se no meu pescoço provocando uma pequena asfixia. Quando não há mais tecido, preciso sentar naquela cadeira, naquele homem. Tendi a fazer inclinações, giros e torções usando a cabeça, o tronco e os pés. Chego ao chão com o auxílio das mãos, mas a cabeça permanece na cadeira, como se estivesse colada, presa. Aos poucos, vou me desvencilhando daquilo, ficando em pé. A cada movimento que faço tentando me desprender daquele véu ligado, entrelaçado aquela pessoa, mais o véu se enrola nela mesma. O véu que está em mim, que me prende, passa a voltar para o outro, de onde ele parte. Quando não há mais comprimento do tecido, o véu já arranca alguns de meus cabelos, é nesse momento que decido tirá-lo, pois está me

machucando. Então, tiro a tiara de véu, coloco-a em cima das pernas *dele*, arrumo meus cabelos e parto.

O trabalho teórico/prático aqui compartilhado segue tendo reverberações como movimento interno que pulsa. A abordagem metodológica adotada não cessa de operar em mim novas descobertas, me instigando a atentar às mais diversas situações cotidianas relacionadas ao tema como passíveis de fundamentarem as investigações futuras.

O anseio que tive aqui era o de partilhar experiências singulares dos processos criadores de performance, tanto no âmbito teórico para uma pesquisadora iniciante, quanto na prática artística. Acredito que percursos como este possam legitimar abordagens limítrofes no terreno das artes, especialmente na arte da dança.

Referências Bibliográficas

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GLUSBERG, Jorge. Tradução Renato Cohen. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SCHECHNER, Richard. **O que é Performance?** in O Percevejo, UNIRIO,/RJ, ano 11, nº 12, 2003.

STRAZZACAPPA, Márcia. **As Técnicas Corporais e a Cena** in Etnocenologia: textos selecionados orgs. Christine Greiner e Armindo Bião. SP, Annablume Ed., 1998.

*RODRIGUES, Marcella Nunes. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria. Graduação, Bacharelado em Dança, IC. Performer, bailarina e coreógrafa.